



Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

O ESTUDO DA DIVERSIDADE CULTURAL COMO FORMA DE DESNATURALIZAÇÃO DOS FENÔMENOS SOCIAIS¹

Deise G. de Souza Santos²

RESUMO: Neste artigo, buscamos construir uma problemática acerca da diversidade cultural como forma de desnaturalização dos fenômenos sociais. A partir da análise de documentos oficiais da Secretaria de Educação buscamos evidências de como o trato da diversidade cultural é exigido e quais são argumentos para sua inserção. Três livros didáticos de Sociologia foram analisados partindo do pressuposto que eles auxiliam e são utilizados por professores do ensino público como material de apoio nas aulas. Nestes livros o foco da análise está voltada para os capítulos que tratam da cultura e da diversidade cultural. O artigo é concluído com uma discussão sobre a educação e diversidade cultural, a necessidade da desconstrução de padrões culturais mantidos pelas classes dominantes, as instituições escolares como reprodutoras de seus interesses, e o papel do professor e do trabalho docente na tentativa de mudanças sociais serão discutidos.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade cultural; Fenômenos Sociais; Livros Didáticos

DOCUMENTOS OFICIAIS

Uma das idéias que orienta esse artigo diz respeito a uma perspectiva encontrada nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2012), ou seja, nota-se que as instituições escolares não conseguem dinamizar as diversidades humanas e a conseqüência desse ensino unidirecional é refletida na sociedade.

¹ Artigo apresentado no V Seminário de Estágio do Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais, no dia 23 de novembro de 2012, no CCH/Uel. Orientadora: Prof^a Dra. Angela Maria de Sousa Lima

² Licenciada em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Londrina. Aluna da pós-graduação em "Ensino de Sociologia". Contato: deisegy@hotmail.com

Exige-se, pois, problematizar o desenho organizacional da instituição escolar que não tem conseguido responder às singularidades dos sujeitos que a compõem. Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural e econômica dos grupos historicamente excluídos. (BRASIL - DCN, 2012, p. 09).

As instituições escolares, constituídas como ferramentas de ordem e manipulação por parte da classe dominante, em sua maioria, servem para “adestrar” os indivíduos e prepará-los para o mercado de trabalho capitalista. A educação, nesse contexto, não está interessada em instigar as potencialidades do indivíduo para torná-lo crítico. Partindo desse pressuposto, acredito que o ensino de Sociologia e o estudo das diversidades humanas podem contribuir para que os indivíduos reneguem a alienação e consigam perceber as padronizações que os aprisionam e aquelas diferenças estigmatizadas para manter o padrão do que é considerado normal pelo sistema capitalista e pela sociedade atual.

Nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2012), busca-se a inclusão social e para que isso ocorra à educação escolar deve fundamentar-se na ética e nos valores da liberdade, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade, sendo a principal finalidade o desenvolvimento de seus sujeitos, nas dimensões individual e social de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, comprometidos com a transformação social.

Para que isso ocorra à instituição escolar deve ser modificada, nesta nova instituição o foco deve estar no aluno e as suas potencialidades como cidadão capaz de modificar a sociedade devem ser priorizadas, esses indivíduos devem ser preparados para intervir e problematizar as formas de produção de vida, para isso é necessário que eles entendam e aprendam os dinamismos políticos, sociais, e culturais que permeiam a sociedade.

A qualidade social da educação brasileira é uma conquista a ser construída coletivamente de forma negociada, pois significa algo que se concretiza a partir da qualidade da relação entre todos os sujeitos que nela atuam direta e indiretamente. Significa compreender que a educação é um processo de

produção e socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam conhecimentos e valores. (BRASIL, DCN, 2012, p. 10).

A consolidação da disciplina de Sociologia no Ensino Médio pode contribuir para a efetivação dessas perspectivas exigidas pelas novas Diretrizes Nacionais. É importante termos em mente que sozinha a disciplina de Sociologia não será responsável por essas mudanças é imprescindível a união com disciplinas já consolidadas no Ensino Médio.

Outro documento usado na Problematização deste artigo foram as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2012), neste documento o papel da Sociologia é discutido, dentro de toda sua diversidade o conceito de estranhamento torna-se fundamental nessa ciência, a sua relevância não está só para a esta disciplina ela também está ligada aos objetivos da Filosofia e das Ciências Humanas.

Neste documento (2012), o conceito de estranhamento atribuído a Sociologia busca explicar os fenômenos sociais que permeiam a realidade e a sociedade e que por muitas vezes são tratados como fenômenos normais, corriqueiros e sem necessidade de explicação. O pensamento sociológico coloca em questão e problematizam esses fenômenos sociais, o resgate histórico evidencia que relações de interesses e decisões objetivas e humanas são responsáveis pela constituição dos fenômenos sociais.

Com o apoio da disciplina de Sociologia e mais especificamente com o estudo e o ensino das diversidades e no caso desse artigo a diversidade cultural, procuramos saber se é possível e se tem sido feitas tentativas para a desnaturalização dos fenômenos sociais cotidianos como os preconceitos e desigualdades raciais e de gênero, as hierarquizações de culturas, a padronização de costumes, comportamentos e valores. Para tentar elucidar essa hipótese, mais adiante analisaremos três livros didáticos de Sociologia, o foco da análise será nos capítulos que buscam tratar dos fenômenos culturais e das variadas formas de diversidade.

LIVROS DIDÁTICOS – COMO A CULTURA E A DIVERSIDADE CULTURAL SÃO RETRATADAS

Com o Guia de Livros Didáticos PNLD (2012), tivemos contato com o estudo público elaborado com o apoio de muitos profissionais da educação, onde foram analisados diversos livros didáticos disponíveis nas escolas brasileiras. Esse estudo levou em consideração o atendimento dos requisitos mínimos referente aos aspectos físicos, legais, editoriais e teórico-metodológicos das obras.

Especialistas da área de Ciências Humanas buscaram o entendimento de como as especificidades dessa área devem ser expressos nos livros didáticos. Esse estudo possibilitou a definição dos critérios de cada componente curricular que compõe a área e também encontrou diversas “falhas” no que diz respeito ao ensino de Sociologia em um número considerável de materiais didáticos.

Entendendo o livro didático de Sociologia como um artefato cultural que expressa escolhas sobre a seleção, a organização e o sentido do conhecimento sociológico na escola, podemos afirmar que o resultado desta avaliação, caracterizada por um enorme índice de exclusão de livros, denuncia algumas dificuldades relativas ao ensino da Sociologia. (PNLD, 2012, p. 11).

Em nossa opinião, uma possível causa para esse grande contingente de materiais didáticos excluídos pode estar na saída do ensino de Sociologia do ensino médio por mais de décadas. A retomada da disciplina, depois de um longo período, evidenciou a carência de matérias adaptáveis ao Ensino Médio, já que as Ciências Sociais ficaram restritas às universidades e aos Cursos de Formação de Docentes da Educação Infantil e para Anos Iniciais do Ensino Fundamental (antigo magistério), e os materiais produzidos eram dotados de conhecimento científico, mas numa linguagem que dificultava a alcance aos estudantes do Ensino Médio.

A rigor, segundo nossas observações, o desaparecimento da Sociologia dos cursos complementares causou impacto

negativo na produção de obras didáticas. Pode-se notar, na relação de manuais que apresentamos ao final deste texto, que após 1942 foram elaborados apenas dois novos compêndios de Sociologia que, não obstante, são obras que compõe uma nova 'safra' dedicada especialmente (ainda que não exclusivamente) ao ensino superior. (MEUCCI, 2007, p. 37).

Segundo constatamos no PNLD (2012), as Ciências Sociais devem ministrar seus conteúdos no nível médio de ensino, com o intuito de superar a dimensão empírica imediata e também a reprodução do saber acadêmico. Assim, deve-se buscar a criação de condições para estimular os alunos a abstraírem a vivência cotidiana e compreendê-la como parte de processos sociais mais amplos.

Este documento chama a atenção para a produção das Ciências Sociais em âmbito internacional na contemporaneidade onde é visto que grande parte dos livros didáticos não consegue apresentar ao público escolar a diversidade e a pluralidade que envolvem as teorias e métodos do campo científico dessa ciência. Ele salienta o uso de teorias de autores clássicos em grande volume deixando de lado outras teorias relevantes para o entendimento da realidade atual e também a falta de autores brasileiros na composição dos materiais didáticos.

Os materiais didáticos analisados para a construção do PNLD (2012) evidenciaram uma presença inexpressiva de contribuições da Antropologia e da Ciência Política. No caso da Antropologia, os livros abdicam de relatos etnográficos, dificultando a constituição de possibilidades fecundas de deslocamento cultural. Já, no caso da Ciência Política, temas de sua alçada são tratados do ponto de vista histórico e não explorados a partir das contribuições conceituais e empíricas das pesquisas na área. Dois, dentre os livros selecionados por esse documento, por corresponderem as exigências do Ensino de Sociologia, foram analisados e serão descritos rapidamente neste artigo.

Para a construção deste artigo analisamos três livros didáticos e o foco da análise está direcionado ao trato da Cultura e a Diversidade Cultural. “Os livros escolhidos foram “Sociologia para o Ensino Médio”; “Tempos Modernos, Tempos de Sociologia”; e “Sociologia” da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. O primeiro livro analisado foi Sociologia para o Ensino Médio de

Nelson Dacio Tomazi (2007). Nesta obra, a unidade seis é dedicada ao trato da cultura e vertentes relacionadas.

UNIDADE 6 - CAPÍTULO 18 – DOIS CONCEITOS E SUAS DEFINIÇÕES

O texto deste capítulo inicia a discussão apresentando os significados de cultura. Com base nos estudos de Félix Guattari, apresenta os significados da cultura em três grupos, cultura-valor, cultura-alma coletiva e cultura-mercadoria. De maneira geral o texto para explicar esses três grupos é apresentado em uma linguagem clara que possibilita ao aluno um bom entendimento.

Este texto é concluído salientando a presença dessas concepções de cultura no dia a dia e que essas concepções atribuem uma carga valorativa, dividem indivíduos, grupos e povos dentro de um contexto onde se determina quem tem cultura em detrimento de quem não tem ou ainda quem possui cultura superior e os que têm cultura inferior.

É de extrema importância trabalhar esses conceitos que foram absorvidos pelo senso comum e buscar a sua “desconstrução”. No próximo subtítulo a cultura passa a ser trabalhada pelo olhar da Antropologia. Neste caso, o processo de desconstrução começa a tomar forma pela diversidade cultural encontrada nos estudos antropológicos.

CULTURA SEGUNDO A ANTROPOLOGIA

Neste texto (2007), o aluno pode ter contato com os alguns dos principais autores da antropologia. Os autores trabalhados foram Edward B. Taylor, Franz Boas, Bronislaw Malinowski, Ruth Benedict, Margareth Mead e Claude Lévi-Strauss. Com esse texto é possível trabalhar com os alunos a noção de diversidade cultural e “desconstruir” sociologicamente os paradigmas biológicos que atestavam as diferenças humanas.

Este texto evidencia para o aluno que todos os indivíduos e grupos sociais possuem cultura e que essa cultura é construída e se desenvolve no contexto de cada sociedade, sendo impossível uma padronização cultural e uma hierarquização entre culturas superiores e inferiores.

CONVIVÊNCIA COM A DIFERENÇA: O ETNOCENTRISMO

O estudo do etnocentrismo complementa a discussão da cultura e da sua diversidade. Neste texto, bem elaborado e com linguagem acessível, os alunos têm contato com um fenômeno presente no cotidiano e que muitas vezes é naturalizado. O termo Etnocentrismo é conceituado e suas manifestações são exemplificadas. Também é exposto ao aluno que o etnocentrismo é responsável pela intolerância e o preconceito nos âmbitos religioso, cultural, étnico e político.

TROCAS CULTURAIS E CULTURAS HÍBRIDAS

Este tópico trata da influência da globalização nas diversas culturas e até que ponto chegou o processo de mundialização da cultura. Esse texto parte de uma construção histórica para mostrar aos alunos as fases de desenvolvimento das relações culturais que em um determinado momento com apoio das tecnologias de comunicação se tornaram intensas com múltiplos pontos de origem.

É possível problematizar com os alunos a presença da diversidade cultural em nosso cotidiano e as trocas culturais servem de grande apoio para isso. É importante trabalhar com os alunos esta dificuldade em aceitar a diferença e diversidade de culturas mesmo elas estando presentes em nosso cotidiano. Essa discussão dá abertura para a problematização da dominação cultural que é o grande entrave para promoção e a preservação da diversidade.

CULTURA ERUDITA E CULTURA POPULAR

Este texto trata da separação entre a cultura popular e a cultura erudita, a separação destas culturas está ligada a divisão da sociedade em classes sociais e assim como estas onde uma classe sobrepõe a outra o mesmo acontece com a cultura sendo a cultura erudita sinônimo de superioridade.

É trabalhado o conceito de cultura, segundo definição de Alfredo Bosi, que pode ser entendido como “a cultura vinculada ao ato de trabalhar, a determinada ação, seja a de ensinar uma criança, seja a de cuidar de um plantio”. (TOMAZI, 2010, p. 176).

Esse processo produtivo que caracteriza a cultura evidencia a presença de cultura entre todos os indivíduos e sociedades, pois o trabalho está disposto a qualquer um. Esse texto é concluído de maneira objetiva e contundente, para Bosi, a cultura é alguma coisa que se faz, e não apenas um produto que se adquire. Por isso, as comparações entre cultura erudita e cultura popular não tem sentido uma vez que as tentativas de hierarquização entre uma sob a outra não são reais, mas é no domínio da condição de posse que se busca construir essa diferenciação social.

A IDEOLOGIA, SUAS ORIGENS E PERSPECTIVAS

Neste texto (2007), o conceito de ideologia é analisado segundo perspectivas de vários pensadores entre eles Francis Bacon, Destutt de Tracy, Napoleão Bonaparte, Augusto Comte, Karl Marx, Émile Durkheim e Karl Mannheim. Esse texto parte de uma perspectiva histórica para definir e traçar as linhas que permearam a construção do conceito moderno de ideologia. A discussão sobre ideologia é trabalhada segundo uma perspectiva conservadora de dominação da classe dominante.

A IDEOLOGIA NO COTIDIANO

A discussão neste tópico (2007) trata da ideologia defendida pelo sistema capitalista que busca determinar um modo de viver, de sentir e de pensar. Neste discurso capitalista, existe uma tentativa de construir um padrão homogêneo e universal segundo as perspectivas da classe dominante. Este texto complementa a discussão da diversidade cultural trabalhada anteriormente.

Na perspectiva capitalista, as instituições, como a família e os grupos sociais, parecem ser uniformes e homogêneos. Nesta perspectiva, as especificidades e as particularidades dos fenômenos e instituições sociais não são consideradas. Fica explícito a tentativa de uma padronização que obscurece as diferenças sociais, econômicas, culturais e os conflitos gerados pelas diferenças sociais.

O texto aborda outras formas ideológicas que estão presentes no cotidiano, como a idéia de felicidade e o conhecimento científico.

Sabemos que as ideologias são responsáveis por grande parte dos conflitos do cotidiano. A busca em padronizar os indivíduos, as instituições e as práticas sociais construíram o senso comum de que o diferente é errado e não devemos mantê-lo. Mas, é nossa responsabilidade, como docentes, “desconstruir” estas noções.

Este livro didático (2007), no que se refere ao ensino da diversidade cultural e as práticas culturais, foi muito bem elaborado. O conteúdo é tratado de maneira clara, precisa e conta com referências fundamentais. Os capítulos que tratam de cultura foram construídos levando em consideração os contextos históricos e sociais responsáveis pelas diversidades culturais.

A unidade destinada à cultura parte das concepções iniciais de cultura para desenvolver uma problemática abordando diversos momentos, conceitos, autores, mesclando com o cotidiano e conceitos fundamentais que acompanham o universo cultural como as ideologias, as dominações e a indústria cultural.

TEMPOS MODERNOS, TEMPOS DE SOCIOLOGIA – HELENA BOMENY E COLABORADORES

Este livro didático (2010) tem uma abordagem inovadora. Sua construção conta com a indicação de vídeos, filmes, documentários e diversos para complementar o material teórico e didático. Diferente do livro analisado anteriormente esse livro didático, não conta com uma unidade ou capítulo destinada ao ensino da cultura.

A cultura está presente em diversas discussões de maneira sucinta. Ela aparece para complementar e demonstrar as diferenças entre diversos fenômenos sociais.

CAPITULO 5 - A METRÓPOLE ACELERADA

Neste capítulo (2010), é feita uma análise da modernidade e sua influência na vida nas metrópoles modernas, as relações entre o ambiente urbano e a personalidade das pessoas segundo conceitos do filósofo alemão Georg Simmel. No que se refere à cultura, é construída uma problemática a respeito da cultura subjetiva e cultura objetiva

George Simmel (apud BOMENY, 2010, p.49) discute “os paradoxos fundamentais da vida moderna, a maneira como as informações são postas no mundo moderno”. Isso influencia também na maneira como a cultura será adquirida e retida pelos indivíduos. Exemplo desse paradoxo utilizado neste texto é noção de uma simples leitura de uma revista semanal. As informações contidas nela oferecem mais informações do que um homem dos tempos medievais poderia adquirir em toda sua vida. Em contrapartida, a percepção de cultura apreendida pelo homem medieval era muito maior do que homem moderno consegue processar. Este exemplo é usado para definir o que Simmel chama de cultura subjetiva e cultura objetiva.

CAPÍTULO 9 – SONHOS DE CIVILIZAÇÃO

Neste capítulo, manifestações culturais são elucidadas segundo conceitos definidos por Norbert Elias. Para Elias (apud BOMENY, 2010, p.98) “as manifestações culturais, artísticas, maneiras de lidar com alegria, tristeza são fundamentais para revelar a sociedade”.

Ele utiliza manifestações como o esporte e a morte para construir uma problemática de como essas influenciam na cultura e na sociedade. Quando trata do fenômeno da morte, ele analisa as situações e mudanças de costumes ocorridas em diversas sociedades. Elias compreende “a sociedade como muitos processos, movimentos do corpo, alma e manifestações das mais diversas”. (BOMENY, 2010, p.100).

Também são trabalhados neste capítulo as modificações e imposições de costumes no tópico “Um manual que virou catecismo” e o conceito e implicações do etnocentrismo no tópico “Julgar os outros pelo próprio ponto de vista”. A problematização deste capítulo remete a desconstrução de costumes e aspectos da sociedade permeados pelo senso comum, naturalizados e tidos como referência para outras culturas e sociedades.

Este livro didático (2010) consegue transformar a Sociologia em uma matéria rica e instigante. Toda sua construção conta com materiais selecionados que se encaixam e se relacionam perfeitamente com o conteúdo proposto. Os autores do livro tiveram o cuidado de selecionar filmes, documentários, charges, letras de músicas que tornam o ensino mais maleável e com uma linguagem didática e áudio-visual próxima dos alunos.

Os aspectos culturais e sua diversidade estão presentes em várias discussões, no que se refere à diversidade o livro salienta as multiplicidades, religiosas, étnicas, culturais, de gênero, ou seja, as diferenças desencadeadas pelas desigualdades sociais, as diferenças relacionadas à orientação sexual, constituições familiares e as transformações históricas que corroboram com as mudanças culturais.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ – LIVRO DE DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA

Neste livro (2006), o trato da cultura e a diversidade cultural estão delimitados a dois capítulos específicos, o capítulo 7 – Diversidade cultural brasileira e o capítulo 8 – Cultura: Criação ou apropriação.

O capítulo 7 é composto por um texto extenso que trata de diversos fenômenos, buscando construir a diversidade cultural brasileira. No início do texto a autora propõe uma discussão a respeito da identidade nacional, questiona se existe uma única ou autêntica identidade que define o brasileiro.

No decorrer do texto é proposta como atividade a construção de uma árvore genealógica para verificar as características socioeconômicas e culturais de nossas famílias em cada período da história. É salientado que a partir da obtenção de dados históricos é possível entendermos a herança social e todo nosso legado cultural.

É exemplificado o processo de transmissão de cultura pela educação e criação família. A autora do texto Sheila Aparecida Santos Silva (2006), acredita que é a partir do entendimento de nossas origens podemos compreender a grande diversidade cultural que caracteriza o Brasil. Cultura é definida neste material como parte da totalidade de uma determinada sociedade, nação ou povo.

Essa totalidade é tudo o que configura o viver coletivo. “São costumes, os hábitos, a maneira de pensar, agir e sentir, as tradições, as técnicas utilizadas que levam ao desenvolvimento e a interação do homem com a natureza”. (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 125).

O texto aborda o período de colonização e o processo de miscigenação. É trabalhado o conceito de etnia e raça e suas influências na diversidade da população brasileira e na construção e perpetuação de preconceitos. A construção de teorias e políticas eugenistas e evolucionistas também são discutidas a fim de elucidar os conflitos causados por posições etnocêntricas, são usados como exemplos o nazismo na Europa que vitimou milhões de judeus e o apartheid ocorrido na África do Sul.

Os grupos étnicos que ajudaram a compor a aquarela étnica nacional são considerados. Neste contexto, a autora chama a atenção para a tentativa

de rejeição a certas etnias como a negra e a indígena e dedica parte considerável do texto a exclusão e discriminação sofrida por esses grupos e as contribuições de personalidades como Monteiro Lobato na legitimação e construção de estereótipos caracterizados pela inferioridade.

Na conclusão desse capítulo, a autora usa como referência o autor Darcy Ribeiro para evidenciar que o produto final e real da colonização, foi a formação de um povo-nação, repleto de uma diversidade cultural, característica da miscigenação, que ocorreu em nosso país. Utiliza também o conceito de estruturas sociais do antropólogo Claude Lévi-Strauss para enriquecer a discussão sobre as relações sociais moldadas por essas estruturas sociais. O texto é concluído chamando a atenção para a riqueza da diversidade constituída no Brasil, e salienta que a miscigenação e as migrações não podem ser vistas como problemas para o desenvolvimento do país.

CAPÍTULO 8 – CULTURA: CRIAÇÃO OU APROPRIAÇÃO?

O conceito de cabresto é usado para dar início a uma discussão que representa o outro lado das relações culturais, os mecanismos de controle que buscam dominar e guiar as ações e comportamentos de indivíduos ou de uma coletividade.

A autora constrói uma problemática histórica para evidenciar que os mecanismos de dominação foram desenvolvidos junto com a ascensão da classe burguesa capitalista. Essa classe passa a ser a classe dominante e seus ideais e modo de vida foram usados para moldar a sociedade. O texto conta com a explicação de manifestações culturais literárias e artísticas no sentido de como a cultura foi se modificando e se diferenciando no decorrer da história e foi usada pela dominação do sistema capitalista para acumulação e reprodução de capital.

A autora (2006) destaca que a cultura de cada grupo, sociedade, povo ou nação, tem sua própria lógica que expressa à maneira de ser e viver dos indivíduos. Na sequência nos pergunta: como a burguesia conseguiu se apropriar dos saberes e conhecimentos intelectuais e científicos? Na sociedade capitalista a transmissão de conhecimentos é de maneira sistemática, a

institucionalização da educação fez com que fosse a responsável em ensinar valores, costumes, saberes científicos e os procedimentos técnicos acumulados, por mais que o ensino seja universalizado a possibilidade de acesso a esses saberes é diferenciado.

Essa educação não é alcançada por parte considerável da classe trabalhadora e é posto para essa classe que a mudança de vida só é possível quando se estudar nesses moldes. As sociedades capitalistas usam a dominação como instrumento de imposição de seus valores e a legitimação disto é por meio da cultura.

A próxima discussão deste capítulo é a respeito da diferença entre a cultura popular e a cultura erudita, as diferenças entre as classes sociais são demarcadas para evidenciar onde cada cultura ocupa seu lugar. Os atributos da cultura erudita são detalhados e o seu contexto e surgimento também são estudados.

A autora (2006) cita os autores da escola de Frankfurt, Walter Benjamin, Max Horkheimer e Theodor Wiesengrund Adorno e salienta a idéia desses pensadores de que a cultura popular seria um meio de resistência da classe dominada às imposições da classe dominante. Os meios de comunicação entram na discussão para exemplificar um novo fenômeno ocorrido entre a cultura e popular e a erudita. O carnaval brasileiro é uma festa dita popular, mas com a apropriação da indústria cultural e dos meios de comunicação transformou-se em um espetáculo partilhado por diferentes classes sociais, grupos e etnias.

No trato da cultura popular, este livro resgata tradições culturais como a literatura de cordel originário do nordeste brasileiro e a história de Lampião e Maria Bonita personagens históricos do sertão nordestino. O folclore também é discutido sua definição e a tentativa de descobrir se há diferença entre a cultura popular são estudadas e definidas.

A temática industrial cultural encerra este capítulo. Segundo pensadores da Escola de Frankfurt, a indústria cultural ou a cultura de massa se referem à produção em larga escala de elementos de cultura. No sistema capitalista a cultura se transforma em mercadoria e o sistema a manipula e determina o que deve ser consumido. Os padrões de beleza, hábitos,

propagandas de estímulo ao consumo, são postos como produtos da indústria cultural.

A apropriação das expressões culturais como a música, jornais, filmes, livros, peças teatrais que podem expressar a cultura de determinados grupos são apropriados pela indústria cultural e com o auxílio do capital se tornam produtos a serem consumidos. O movimento da contracultura é exposto de maneira sucinta a fim de evidenciar o descontentamento de jovens e intelectuais do mundo ocidental, durante as décadas de 1960 e 1970 que buscavam uma nova forma de pensar independente da classe burguesa dominante.

As vantagens e desvantagens da indústria cultural encerram esta discussão. Como vantagem a autora ressalta que os meios de comunicação de massa, atingem uma parcela da população, que sempre esteve distante de fontes de informação outro ponto positivo seria que pela indústria cultural os diferentes gostos e culturas podem ser vistos e encarados de maneira mais sensível e abrangente, assim os meios de comunicação poderiam trabalhar a temática do multiculturalismo.

As desvantagens começam pela imposição coercitiva da padronização. A indústria vende a ideia de que não existem diferenças culturais e que vivemos em harmonia envolta por uma única cultura. Mais adiante, a autora fala da criação da falsa necessidade de consumo pelas propagandas, e o maior dos problemas a desestimulação do público a pensar e refletir sobre suas necessidades. Então, a indústria cultural é caracterizada, neste texto, pela transformação da cultura em mercadoria, como produção em série, de baixo custo para que todos possam ter acesso. É uma indústria como qualquer outra que visa o lucro e que busca conquistar seus clientes e vendendo supostas necessidades.

Nas partes analisadas deste material didático consegui perceber algumas “lacunas” e também contribuições valorosas. No que diz respeito às “lacunas”, saliento a falta de recursos visuais e de apoio, as figuras utilizadas no decorrer do texto não se encaixam de maneira clara ao contexto exposto. Os capítulos são compostos por textos extensos com muitas informações que podem fazer com que o aluno não consiga assimilar tudo o que é proposto.

Em relação às contribuições, considero de extrema valia a tentativa de expor o que é a diversidade cultural brasileira e resgatar aspectos fundamentais da nossa construção histórica, social e cultural como a influência dos negros, indígenas e imigrantes na constituição do povo brasileiro e nas suas crenças, valores e costumes.

As teorias eugenistas e evolucionistas, o resgate da cultura nordestina com a literatura de cordel, o folclore, e a discussão sobre a industrial cultural enriquecem os textos e diferencia esse material didático dos outros dois analisados anteriormente.

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL

É pertinente iniciar essa discussão com a conceituação do fenômeno etnocentrismo. Para Rosa (2002), etnocentrismo é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos e nossas definições do que é a existência. Este fenômeno está disseminado em toda a sociedade e seus impactos afetam diretamente as relações sociais.

A apropriação etnocêntrica da cultura constrói um emaranhado de expectativas onde se tenta definir os valores, comportamentos, orientações sexuais, crenças como sendo normais e aceitáveis. No mundo ocidental capitalista há muito tempo tem se desenhado uma figura que alcança essas expectativas. A figura do homem, branco, rico, heterossexual, cristão e consumista.

A partir da perspectiva cultural, as diferenças são, também (e, sobretudo), externas e socialmente construídas ao longo de processos históricos, na complexa trama das relações sociais e de poder. (ROCHET, 2011, p. 01).

Neste contexto, a diversidade cultural e humana não é interessante para o sistema dominante já que não corresponde às suas idéias de padronização da massa. Segundo Gomes (2005), pensar a diversidade vai

além do reconhecimento do outro. Significa pensar a relação entre eu e o outro, ao considerarmos o outro, o diferente, não deixamos de focar a atenção sobre o nosso grupo, a nossa história, o nosso povo. Ou seja, falamos o tempo inteiro em semelhanças e diferenças.

Esse processo não deixa de ser comparativo, mas o estudo da diversidade não deve se limitar somente a análise de comportamentos, ela precisa incluir e abranger uma discussão política, pois nela se encontram as relações estabelecidas entre os grupos humanos e essencialmente por isso esta intimamente ligada às relações de poder que regulam os padrões e valores estabelecidos.

Estudos contemporâneos a respeito da diversidade cultural salientam a necessidade de promover o reconhecimento e o respeito às diferenças humanas no contexto social. E são nas instituições escolares que por sua vez também são instituições culturais que podemos iniciar esse diálogo sobre a convivência e o respeito ao diferente.

A atual ideologia que permeia as instituições escolares não possibilita e não dispõe de teorias para o desenvolvimento desse novo ideal. Segundo Giroux (1997), existe a necessidade de se desenvolver novas teorias da prática educacional. Essas novas teorias devem iniciar pelo questionamento contínuo e crítico daquilo que é estipulado como garantido no conhecimento e na prática escolar.

Nesse processo de transformação as instituições, os alunos, os professores, e todos inseridos nesse universo educacional devem conhecer o papel que representam nas relações sociais. As escolas são estruturas carregadas por um complexo de cultura que caracteriza a classe dominante, este ambiente contém traços das culturas dominantes e das subordinadas, cada uma com potencialidades para definir e legitimar uma visão específica da realidade.

Os professores devem problematizar a respeito de como a cultura dominante luta para invalidar e estigmatizar as maiorias excluídas. Pais, professores, pedagogos devem tentar desconstruir a impotência dos alunos e instigar a legitimidade de suas experiências e histórias culturais. (GIROUX, 1997, p.39).

Ao professor cabe analisar o seu próprio capital cultural no intuito de se certificar se a sua contribuição é ou não prejudicial aos estudantes em formação. Nós, professores, devemos apontar aos alunos que existe uma ideologia dominante fundamentada na distorção da história que busca de todas as formas nos tornar apáticos e adestrados.

O sistema dominante também acredita no poder revolucionário da escola para mudança de pensamento dos cidadãos e utiliza dessa instituição para manipular a sociedade conforme os seus interesses. Devemos, nós profissionais comprometidos com a educação desmascarar os mitos, mentiras e injustiças presentes na cultura escolar para assim abrir espaço ao necessário direito e respeito às diversidades humanas.

O conhecimento torna-se importante na medida em que ajuda os seres humanos a compreenderem não apenas as suposições embutidas em sua forma e conteúdo, mas também os processos através dos quais ele é produzido, apropriado e transformado dentro de ambientes sociais e históricos específicos. (GIROUX, 1997, p. 39).

O conhecimento crítico possibilitaria a professores e alunos a apropriação de uma visão do espaço que ocupam dentro dessa sociedade dividida pela relação entre dominantes e dominados. Este conhecimento é necessário para estimular a reivindicação pelo direito à diversidade que é própria dos seres humanos. Essa luta é por uma nova sociedade onde cada indivíduo possa exercer sua diferença sem ser repreendido, ameaçado ou estigmatizado.

É importante que se dê a devida atenção a formação e as condições de trabalho oferecidas aos professores. Segundo Giroux (1997), os professores são treinados para usarem diversos modelos de ensino, administração e avaliação, mas não são estimulados a serem críticos desse modelo. Ensina-se a eles um analfabetismo conceptual e político.

Sabemos que a formação de professores por muitas vezes é menosprezada, mas as condições de trabalho a que são submetidos também influencia, impossibilita a sua autonomia e os aprisiona a utilização de livros didáticos. Fizemos a análise de três livros didáticos de Sociologia, o estudo

desses materiais é relevante já que para muitos professores esses materiais são essenciais devido à falta de tempo para uma produção independente dos temas exigidos pelo plano de trabalho docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, neste artigo buscamos explorar a importância da diversidade cultural na busca de uma sociedade justa e igual. A igualdade a que me refiro está ligada a oportunidade para todos independente de cor, credo, e classe social. Essa padronização construída pela classe dominante atinge a insanidade, devemos lutar contra essas imposições, pois sua influência corrobora com o sofrimento e os estigmas sob a maioria excluída.

Os indivíduos buscam continuamente se encaixar em padrões, aceitam tudo que é ditado como tendência sem perceber que sua identidade está sendo moldada e suas raízes culturais sendo dizimadas. A intolerância é vista em níveis absurdos, tentasse de todas as maneiras acabar com o diferente, para o sucesso desse ideal retrogrado se utilizam de violência, discriminação, exclusão contra grupos que exercem o natural da humanidade, a diferença ou o ser diferente.

O sucateamento das instituições escolares, os impasses para a efetivação e a manutenção de disciplinas que contribuem para o desenvolvimento de cidadãos críticos e conscientes de sua construção histórica e social são elementos que ajudam na manutenção dessa sociedade intolerante.

No Brasil ainda contamos com outros diversos elementos que agravam e dificultam as mudanças no sentido de uma sociedade igualitária, por exemplo, temos uma bancada evangélica no Congresso Nacional que tenta impor seus valores morais, temos um Governo Federal e Estadual que fazem da educação brasileira um laboratório de experiências desajustadas, mídias manipuladoras que mantêm a população alienada e outros diversos que buscam nos manter na inércia.

O trabalho docente é importante na tentativa de desnaturalização dos fenômenos sociais. Como diz Giroux (1997), qualquer forma viável de escolarização precisa ser informada por uma paixão e fé na necessidade de lutar no interesse de criar-se um mundo melhor. Concluo, acreditando que o trabalho docente pode ser revolucionário na busca por esse mundo melhor.

REFERÊNCIAS

- EVERARDO, Rocha. **O que é etnocentrismo**. Coleção primeiros passos, ed. Brasiliense Santos, Boaventura (org.): A globalização e as Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 2002.
- GIROUX, A Henry. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre, Artmed, 1997.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e Diversidade Étnocultural**. In: RAMOS, ADÃO, BARROS (coordenadores). Diversidade na Educação: reflexos e experiências. Brasília: Secretaria de educação Média e Tecnológica/MEC, 2003.
- LABAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Zahar editora, 1995.
- MEUCCI, Simone. **Sobre a rotinização da Sociologia no Brasil: Os primeiros materiais didáticos, seus autores, suas expectativas**. Londrina, Revista Mediações, 2007.
- PEROSA, Juliano. **Reflexões sobre cultura e diversidade cultural em Paulo Freire: Um humanismo crítico para uma transculturalidade em educação**. Capes, 2012.
- ROCHET, Juliana. (et al.). **Educação e diversidade cultural**. Brasília, IESB, 2011.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 11ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.

DOCUMENTOS OFICIAIS

- BRASIL. GOVERNO FEDERAL. Lei Nº 9.394.20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. BRASIL. MEC.C.N.E. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Área ciências humanas e suas tecnologias, Brasília, DF, 1999
- BRASIL. MEC. CNE. Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL. MEC. CNE. Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio. Brasília, DF, 2012.
- GUIA DE LIVROS DIDATICOS: PNLD 2012: Sociologia. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2011.
- PARANA.SEED. DEPARTAMENTO DE 2º GRAU. Proposta Curricular de Sociologia para o Ensino de 2º grau. Curitiba, 1994.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO: OCNS 2012. – Brasília: Ministério da Educação, 2012.

LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

BOMENY, Helena e FREIRE-MEDEIROS, Bianca (Coord.). Tempos modernos, tempos de sociologia. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

SOCIOLOGIA. Vários autores. LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO. Curitiba: SEED-PR, 2006.

TOMAZI, Nelson D. ***Sociologia para o Ensino Médio***. São Paulo, 2007.